

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

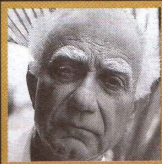


O empreendedorismo daqueles que aceitaram o desafio de trazer a capital do país para o Centro-Oeste emocionou. Neste fascículo da série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília*, as lembranças de mais cinco *aventureiros* preenchem lacunas sobre a vida na nova capital durante a construção e nos primeiros anos da cidade e enchem de orgulho os que hoje participam de sua consolidação.

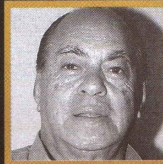
Betty
Bettiol



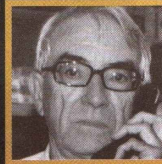
Hélcio
Miziara



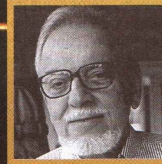
Mário de
Almeida



Orédio de
Rezende



Rauf
Carneiro



PIONEIROS



Betty Bettiol

No trabalho artístico, a influência da arquitetura de Brasília

Arquivo pessoal



BETTY E LUÍS CARLOS, SEMPRE UNIDOS, EM FESTA NO TOURING CLUBE, EM 1962

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ela foi, provavelmente, a mais jovem moradora de Brasília nos primeiros anos da cidade. A artista plástica Betty Bettiol tinha apenas 19 anos quando assumiu com o marido, o advogado Luís Carlos Bettiol, o desafio de construir a vida numa cidade que parecia não ter nada a oferecer para alguém acostumado à agitação cultural e urbana da capital paulista. O desafio entretanto coroava a união matrimonial que até hoje é motivo de orgulho e satisfação para a pintora.

Luís Carlos e Betty se conheceram em São Paulo, quando ela tinha apenas 14 anos de idade. Mas o relacionamento entre os dois nasceria cinco anos mais tarde, após um telefonema inusitado do recém-formado advogado, na época com 26 anos de idade. "Ele queria saber de quem era aquele telefone que guardava na agenda e terminou me redescobrimdo", conta Betty.

O namoro foi imediato. Era 1961 e Luís Carlos já morava em Brasília há cerca de um ano, onde trabalhava como procurador no governo de Jânio Quadros e administrava a compra dos primeiros ônibus da TCB. Os encontros aconteciam uma vez por mês, quando o jovem advogado ia a São Paulo. "Nos vimos apenas oi-

vezes antes do casamento", diz, divertido, a artista.

Embora Bettiol não comentasse sobre a cidade, Brasília era o

assunto de todas as rodas de bate-papo do país. A curiosidade sobre a capital federal, inaugurada no interior do Brasil, era geral.

Com o olhar amadurecido de hoje, Betty acredita que o sentimento de solidão que a cidade provocava naquele início foi res-

ponsável por acelerar o casamento entre os dois jovens, realizado em 1962.

Bettiol morava em uma casa construída pela Caixa Econômica Federal, com cerca de 100 metros quadrados, localizada em frente à avenida W3 Sul, na altura da atual 710. Na época, quem aceitasse permanecer em Brasília tinha direito à compra de uma casa mobiliada, com prazo de 10 anos para pagamento. A lua-de-mel do novo casal seria vivida ali.

A bordo de um fusca do ano (62), lotado com os presentes de casamento, Betty e Bettiol chegaram a Brasília à noite, após 1,1 mil quilômetros de estrada percorridos. As construções de concreto e a iluminação do eixo monumental faziam com que a cidade se transformasse numa imensa luz branca no meio da escuridão do Cerrado. Para Betty, que vivia a época dos filmes de extraterrestres e viagens ao espaço que dominavam o cinema na década de 60, "parecia uma imensa nave espacial estacionada".

As surpresas não terminariam ali. Ao chegar à nova moradia, os móveis palito, última tendência em design na época, chamavam a atenção de quem estava acostumada ao estilo clássico da residência da família em São Paulo. O mau gosto da decoração e a impessoalidade da casa eram sentidos nos objetos que

PIONEIROS

Aos 19 anos, já casada com o advogado Luís Carlos Bettiol, Betty chegou a Brasília para construir uma vida familiar e profissional de sucesso

compunham os ambientes. Todos de plástico, desde as cortinas até as flores. "Depois entendi que a quantidade de poeira que existia aqui só permitia usar materiais descartáveis", brinca.

Na manhã seguinte, o ritmo de trabalho da cidade e o vestuário das pessoas impressionavam. "Se saíamos de casa por um caminho às 8 horas, quando voltávamos pelo mesmo lugar às 10 horas já estava tudo diferente", ilustra. Novamente devido à poeira, os candangos se vestiam com verdadeiros caubóis, com chapéu, lenço no pescoço e botas.

A família

O endereço na W3 era privilegiado, pois ficava próximo ao restaurante Chez Ville — mais frequentado da cidade —, a um supermercado da extinta SAB, ao posto de saúde número 1, ao cinema Cultura e à Escola Parque.

Conhecer as pessoas que aqui moravam não era difícil. Em pouco tempo, Betty não precisava, por exemplo, esperar na cabine para completar uma chamada telefônica para São Paulo, que demorava quatro horas. Os funcionários da Companhia Telefônica, que ficava onde hoje está o Espaço Cultural da 508 Sul, acenavam para ela quando a ligação era completada. Vale lembrar que na época apenas autoridades e funcionários de alto escalão tinham telefone em Brasília.

Mas a diferença de idade entre todas as moradoras do Plano Piloto e Betty assustava um pouco a jovem paulista. A rotina diária era sempre a mesma. Quando não estava na companhia do marido, no café da manhã e à noite, tomava aulas de francês na Aliança Francesa, que já existia, ou conversava com a dona de uma padaria pró-



EM BRÁSILIA, O AMOR DE BETTY E LUÍS CARLOS DEU FRUTOS. AQUI CRIARAM OS FILHOS E SE DIVERTEM COM OS NETOS

“**QUANDO COLOCAVAM UM MEIO-FIO NOVO OU PLANTAVAM AS PRIMEIRAS ÁRVORES, ÍAMOS ATÉ LÁ PARA APRECIAR O FEITO, COMO SE FOSSE UM PROGRAMA DE LAZER**”

ximo a sua casa, na W3. "Me arrumava toda para atravessar a rua e encontrar dona Monique só para ter o que fazer", conta.

A falta de atividades e a mocidade fizeram com que a maternidade acontecesse rapidamente. O primeiro filho nasceu em dezembro de 1962. Quatro meses depois, viria a segunda gravidez. O terceiro filho seria concebido um ano depois do nascimento da segunda criança. A prole se completaria em 1969, com o nascimento do último filho, Luís Renato.

Além de cuidar dos próprios filhos, Betty terminou se responsabilizando por parte da criação dos filhos das amigas que trabalhavam fora. Quando inauguraram a piscina do late Clube, por exemplo, levava 15, 20 crianças para aprenderem a nadar.

A vida em Brasília contribuiu de maneira decisiva para a formação da identidade de Betty, desde a dedicação ao ambiente familiar até as obras que hoje

produz, com clara influência da arquitetura da cidade e dos artistas com quem aqui sempre tropeçava, como Athos Bulcão.

O desenvolvimento da cidade nunca surpreendeu porque a artista amadureceu ao mesmo tempo que a capital. "Quando colocavam um meio-fio novo ou plantavam as primeiras árvores, fomos até lá para apreciar o feito, como se fosse um programa de lazer", recorda. O terreno onde o casal mora hoje é a realização de algo que vislumbrou pela primeira vez numa noite de luar, na beira do Lago Paranoá, ao lado de Bettiol, no início da década de 60.

As surpresas do crescimento da capital só aconteceram quando o planejamento da cidade passou a ser prejudicado. "Só me dei conta das proporções que Brasília tomava quando percebi que, de repente, havia trânsito e semáforos nas ruas, porque a cidade não tinha sido planejada para isso", lamenta.

Raio X

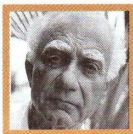
Nome: Betty Bettiol
Idade: 58 anos
Profissão: Artista plástica
Origem: São Paulo
Ano de chegada a Brasília: 1962
Marido: Luís Carlos Bettiol
Filhos: Luís Alberto, Luís Antônio, Luís Eduardo (falecido) e Luís Renato
Netos: Heloísa, Beatriz, João e Isabela.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavaciti, Raquel Flores Garcia e Stela Maris Zica Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glaucio Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

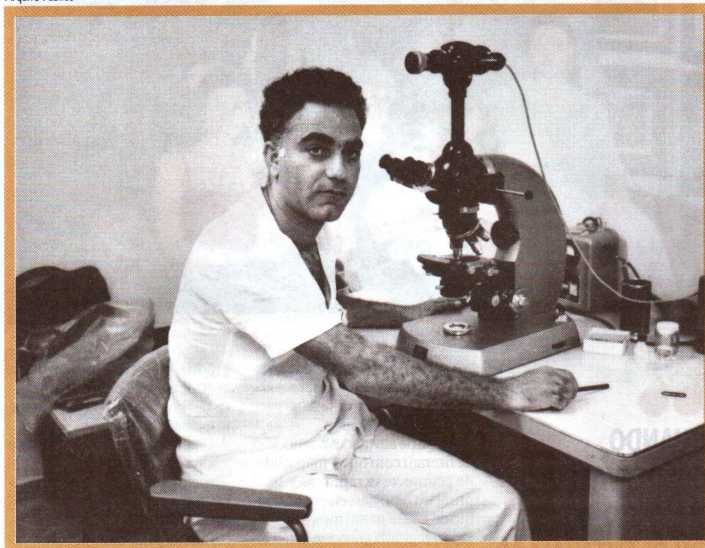




Hélcio Miziara

Quarenta e dois anos de dedicação à medicina na capital

Arquivo Público



MIZIARA SE DEDICOU DE CORPO E ALMA AO HOSPITAL DE BASE. AJUDOU TAMBÉM NA IMPLANTAÇÃO DO IML DE BRASÍLIA

RAQUEL FLORES GARCIA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Por causa da especialidade que escolheu, ele convive de perto com a morte há mais de 40 anos e diz ter vontade de ser cremado depois da própria. Mas, se fizerem autópsia, revela o último desejo: deixar o coração no Hospital de Base. "O hospital sempre foi a minha vida. Eu o dividi com a minha família", afirma o médico patologista Hélcio Luiz Miziara, 69 anos, 42 deles dedicados ao antigo Distrital, hoje Hospital de Base. Em 2004, vai ser obrigado a se aposentar por causa da idade, não sem antes deixar como legado um memorial do serviço de anatomia patológica cujo arquivo fotográfico, segundo ele, reúne 27 mil slides.

Aprovado efetivamente para a Fundação Hospitalar do Distrito Federal em 24 de janeiro de 1961, este paulista de São José do Rio Preto se declara apaixonado por Brasília e garante que já comprou muitas brigas pela cidade. Uma delas, por exemplo, envolveu a morte do deputado Luís Eduardo Magalhães, de quem Miziara conta que retirou o coração "para provar que ele teria morrido devido a um infarto no miocárdio e não por um erro médico, como teriam dito", lembra. Na morte de Tancredo Neves, o pioneiro, autor do diagnóstico do ex-presidente da República, também saiu em defesa de Brasília. "Ele jamais morreu de infecção hospitalar", assegura.

Mas nem sempre foi assim,

aquele que hoje defende a cidade com unhas e dentes um dia não quis nem conhecê-la. No final de 1960, Miziara tinha voltado recentemente da residência médica nos Estados Unidos quando ouviu notícias da inauguração de Brasília. "Não quero nem saber", diria, na época, o fiel seguidor de Carlos Lacerda. "Se ele era contra o governo, eu tava contra", completa. O jovem médico, formado na tradicional Universidade do Brasil, queria mesmo era ficar no Rio de Janeiro. Vontade que mudou depois de uma conversa com um colega que havia sido convidado para montar a Anatomia Patológica na nova capital.

Miziara recorda-se bem da ce-

na: "Era uma tarde de sábado do mês de dezembro e eu estava triste, chateado, porque estava difícil ficar no Rio de Janeiro e fui conversar com meu grande amigo, professor Domingos de Paola. Já estava no elevador quando ele me disse que gostaria que eu trabalhasse com ele em Brasília". Cheio de planos e com o sonho de ser professor catedrático, respondeu ao colega que "para aquele mato não iria de jeito nenhum". No entanto, segundo Miziara, quando o amigo descreveu o plano hospitalar de Brasília, mudou imediatamente de idéia e exultou: "É isso que eu quero!"

Animado com a possibilidade de desenvolver em Brasília um

projeto de vida, escreveu para o cirurgião Carlos Ramos, que já estava trabalhando na cidade, e foi informado de que a contratação seria feita por meio de concurso. A notícia empolgou Miziara mais ainda: "Não queria pedir favor a ninguém". Mandou, portanto, o currículo, que concorreu com os de mais dois candidatos. A comissão de credenciais, formada por seis colegas, optou pelo nome dele. Quando o tio João Baduí Miziara, dono do então Hotel Belveder, no Núcleo Bandeirante, soube que o sobrinho havia sido aprovado no concurso, convidou-o para ir morar com ele. O mais novo habitante de Brasília ficou residindo com o parente até encontrar o co-

lega Demóstenes Rio Branco, que morava em um apartamento de dois quartos na 104 Sul. Na comercial da quadra funcionava o restaurante Lindóia, onde hoje se localiza o Carpe Diem.

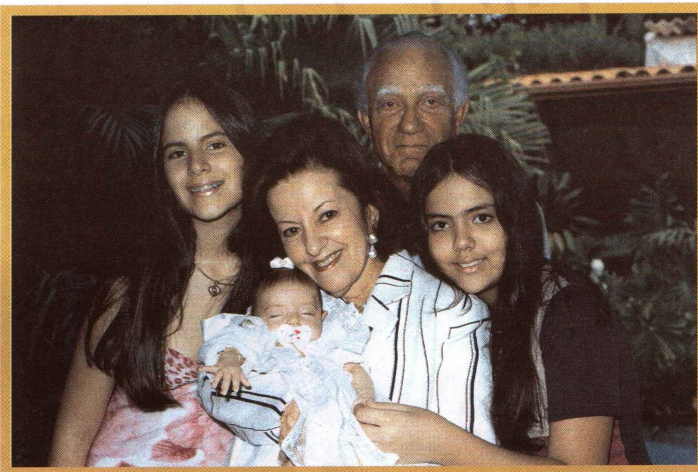
Foi nessa época que aconteceu "um fato notável", classifica Miziara. Um primo de Demóstenes saiu de Mato Grosso e pediu para ir morar com eles. O pioneiro logo reparou que o rapaz era um artista, desenhava bem, e ofereceu emprego a ele como técnico de laboratório. A oferta vinha ao encontro do propósito que Miziara havia firmado consigo mesmo, de formar mão-de-obra local para retribuir à cidade a oportunidade de "ganhar um serviço que o pessoal do Rio e de São Paulo lutava anos para conseguir". O tal primo, curiosamente, era ninguém mais nem menos do que o cantor Ney Matogrosso.

O compromisso de preparar profissionais para trabalhar com ele no hospital resultou, segundo Miziara, na formação de 50 médicos distribuídos pelo Brasil afora e mais de cem técnicos e auxiliares de laboratório. Graças a essa filosofia de trabalho, em 1966, formou-se no hospital a primeira residência em Anatomia Patológica, Valdete Cabral Moraes, médica uberabense que Miziara considera como uma herdeira. "Em questão de amor ao hospital, ela compete comigo", garante o precursor da especialidade em Brasília, que se ressentido de ter sido muito criticado por barrar

PIONEIROS

Apesar de fiel seguidor de Carlos Lacerda, Hécio decidiu vir para a nova capital atraído pelo projeto hospitalar proposto para Brasília

**MIZIARA SEMPRE
DIVIDIU A VIDA
ENTRE A MEDICINA E
A FAMÍLIA**



a entrada de determinados colegas no serviço. "Eu queria pessoas que amassem o hospital e não simplesmente recebessem o salário e fossem embora", defende-se o paladino da profissão.

Em 1962, a princípio relutante, Miziara acabou aceitando o convite do legista João José Comini para ajudá-lo em mais uma missão: implantar o Instituto Médico Legal (IML). "Aceitei o desafio porque o Comini acenava com a possibilidade de fazer um bom trabalho", justifica. Foi nesse mesmo ano que Miziara já havia conseguido inaugurar o laboratório de Anatomia Patológica do Distrital, "um projeto muito bonito, cheio de bossa". Um feito memorável depois de ter realizado 91 autópsias durante um ano, "em uma mesa improvisada", contabiliza, deixando entrever certo orgulho.

Improvisação, por sinal, era a tônica de um tempo em que falecia muita gente sem família na cidade e que precisava ser enterrada. "As vezes tínhamos que pedir pelo amor de Deus ao cemitério. Chegamos até a fazer um mutirão com a Novacap para abrir covas. Uma situação dramática", lembra Miziara. Na mesma época, outro imprevisto quase causa sérios problemas com a imprensa local. Como não havia incinerador e não podiam ser mandadas para o cemitério, as placentas resultantes do grande número de partos realizados foram enterradas em um local atrás do hospital "onde tudo era mato", indica Miziara. A solução, porém, foi descoberta quando tratores removeram a terra em função das obras ali executadas, fazendo aparecer algumas placentas ainda em decomposição. "A vantagem disso foi que quando o Sávio Pereira Lima era diretor do hospital e resolveu

fazer o jardim, as pessoas diziam que as árvores cresciam muito rapidamente. Ele olhava pra mim, sorria e dizia que a terra tinha sido muito bem adubada", conta o autor da idéia.

Trotos de madrugada

Fatos pitorescos semelhantes ainda povoaam a lembrança do patologista pioneiro, como, por exemplo, as inúmeras madrugadas em que foi acordado por trotes de pessoas supostamente em busca de informações sobre procedimentos para sepultar falecidos. "Ligavam para a minha casa meia-noite, uma da manhã, e pediam para falar com o *doutor miséria* porque precisavam enterrar o cachorro", exemplifica Miziara. Cabreiro com tais ligações, certa ocasião por pouco não deu uma resposta malcriada a um deputado que havia telefonado para se informar a respeito do sepultamento de uma empregada.

A dedicação extrema levava Miziara a se reunir religiosamente nas manhãs de sábado para discutir a administração do hospital e assuntos de caráter científico. "Lá dentro havia dois grupos que brigavam entre si, mas, quando era para defender o hospital, se uniam com um sentimento de

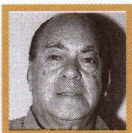
“**FIRMEI UM ACORDO COMIGO MESMO DE FORMAR MÃO-DE-OBRA LOCAL PARA RETRIBUIR À CIDADE A OPORTUNIDADE QUE TIVE DE GANHAR UM SERVIÇO QUE O PESSOAL DO RIO E DE SÃO PAULO LUTAVA ANOS PARA CONSEGUIR**”

irmandade impressionante", lembra. A tarde, porém, Miziara trocava o jaleco pela chuteira para outro compromisso sagrado: jogar futebol no late Clube ou no Cota Mil. "Era uma festa, nós ficávamos ansiosos pelo sábado à tarde", confessa. Quando ainda era solteiro, reservava as noites de sábado para ir à Chez Ville, "uma boate famosa de um casal de franceses que funcionava ali na 508 Sul, abaixo da telefônica", situa. Em dias de semana, após o expediente no hospital, o programa noturno era quase sempre ir aos cinemas Brasília e Cultura.

Hoje, praticamente às vésperas de se aposentar, Miziara não se intimida com a compulsória. Ao contrário, quer continuar trabalhando na formação de mão-de-obra especializada e realizar um sonho: preparar técnicos de laboratório por meio de um curso que seja reconhecido pelo MEC. "Não existe escola oficial no Brasil", justifica. Enquanto o sonho não vira realidade, Miziara, primeiro médico de Brasília a ter sido convidado para dar aula na UnB, em 1966, procura fazer um serviço que também atenda à vida universitária. "O hospital me ensinou, é isso que eu quero que os alunos digam", conclui.

Raio X

Nome: Hécio Luiz Miziara
Idade: 69 anos
Origem: São José do Rio Preto, São Paulo
Profissão: Médico patologista
Estado civil: casado
Dois filhos e cinco netos, "todos corintianos"
Ano de chegada a Brasília: 1961
Títulos: Montou o laboratório de Anatomia Patológica do Hospital de Base, antigo Distrital. Foi convidado para ajudar na implantação do Instituto Médico Legal (IML). Primeiro médico de Brasília a ser convidado para ser professor da UnB



Mário de Almeida

Como era solteiro na época, Mário passou para políticos com nece.

Responsabilidade de manter o ritmo das obras

Arquivo Pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A primeira imagem de Brasília, em 1958, o deixou estarrecido. Numa chuva torrencial, típica da época, centenas de candangos continuavam trabalhando nas poucas obras que o Plano Piloto já ostentava. Como não havia outro caminho, Mário de Almeida foi transportado de jipe para a Cidade Livre através do Eixo Monumental.

Na Cidade Livre, aquele "estranho movimento sob a chuva" continuou. "A cidade era o mais bagunçado faroeste que já tinha visto no cinema", diverte-se. "Jipes em lugar de cavalos, barracões de madeira, pessoas vestidas de bota e chapéu e muito barro", descreve.

Aos 36 anos de idade, o então assistente de Gabinete do presidente Juscelino Kubitschek no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, recebeu a missão de levar ao imenso canteiro de obras, que era a nova capital da República, o pagamento dos funcionários da Novacap.

Com grande vitalidade, hoje aos 81 anos de idade, Almeida gosta de contar como tornou-se o mensageiro de JK no então futuro Distrito Federal: "Tomávamos café no Palácio e na mesa principal o presidente discutia qualquer coisa sobre

Brasília com vários auxiliares e um diretor do Banco do Brasil", diz. "De repente ouvi o embaixador Smith dizer a JK, em tom de provocação: "Manda o Mário de Almeida, ele não faz tudo?", continua. "Na mesma hora, sem saber do que falavam, me coloquei à disposição para ajudar."

A construção de Brasília era tão impressionante que nos três dias seguintes à sua chegada aqui, Almeida fez questão de conhecer as maiores obras em an-

damento: o Congresso Nacional, o Brasília Palace e as fundações da Rodoviária.

Amigo do presidente

Natural de Barbacena (MG), Mário de Almeida começou a trabalhar com JK em Belo Horizonte, no Palácio da Liberdade, por pura insistência. Formado em Direito aos 32 anos, Almeida e o presidente se conheceram na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde o advogado trabalhava. "Sabia que ele gos-

tava de mim porque ele me chamava pelo nome", conta. "Os nomes que ele esquecia eram de pessoas que não queria conhecer", conclui.

Assim, em 1954, recém-formado, Almeida decidiu arriscar e pedir emprego pessoalmente para o então governador de Minas Gerais. Sem formalidades, foi recebido rapidamente e a petulância agradou a JK. "Eram nove horas da noite quando fui nomeado juiz interino, lotado no Palácio da Liberdade", recorda-se.

MÁRIO ENTRE AS MISSES DO PRIMEIRO CONCURSO DE MISS BRASIL, REALIZADO NO BRASÍLIA PALACE HOTEL

rio demorou a ter residência fixa na capital. Os vários apartamentos que recebeu foram necessidade de abrigar suas famílias. Nesses momentos, se refugiava no Brasília Palace

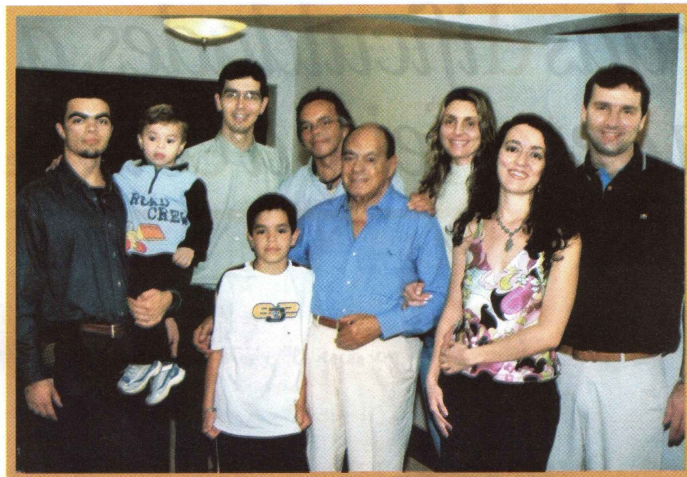
A descrição que Almeida faz de JK não difere da imagem que todos que trabalharam pelo sonho de transportar a capital para o interior do país têm. Homem decidido, com autoridade, porém brincalhão e simples, acessível a todos. "Medo era uma coisa que não existia para o presidente", elogia Almeida. "E sua simpatia era algo incomensurável."

Nômade no Planalto

Durante um ano, o trabalho de Almeida era providenciar, no Rio de Janeiro, tudo o que faltava para agilizar a construção de Brasília. Viajava para comprar cimento e encomendar outros materiais que faltavam de última hora. Para isso, tinha o jato do presidente, único do país na época, a sua disposição. Dessa forma, as passagens por aqui eram constantes, porém rápidas. Isto fez com que o advogado demorasse alguns anos para ter moradia definitiva no Distrito Federal.

Neste período, quando estava na cidade, Almeida ocupava um quarto no prédio anexo do Brasília Palace, que ficava onde hoje está o Museu de Arte de Brasília. "Os anexos do hotel eram muito disputados porque contavam com os mesmos serviços do prédio principal mas dava mais privacidade aos clientes", revela. O anexo era formado por quatro suítes e uma estrutura de copa e cozinha.

Depois da inauguração, quando a Presidência da República foi transferida para cá, Almeida recebeu vários apartamentos até poder se firmar em algum endereço. O fato de estar solteiro na nova capital fazia com que fosse o primeiro procurado para resol-



MÁRIO CHEGOU À CIDADE SOLTEIRO. DEPOIS QUE DECIDIU FICAR, CASOU E HOJE CURTE FILHOS E NETOS

ver os problemas de moradia dos políticos que aqui chegavam.

O primeiro apartamento recebido ficava na 305 Sul e foi cedido a um deputado cuja família tinha 13 filhos. Depois, mudou-se para a 106 Sul, outro apartamento cedido para um político. A terceira moradia foi uma casa na antiga quadra 17, hoje 708 Sul, dessa vez cedida para um militar. Sempre que deixava as habitações, o lugar de destino era o Brasília Palace.

Desenvolvimento

A proximidade com o Poder fez com que Almeida participasse ativamente do desenvolvimento de Brasília, que acontecia em ritmo acelerado antes da inauguração. Entre os fatos mais curiosos, destaca a pressa com que o asfalto da W3 Norte foi construído, o dia em que o Lago foi inundado, atingindo a cota mil em tempo recorde, e o surgimento de Taguatinga.

Três dias antes da inauguração da capital, JK e Israel Pinheiro, presidente da Novacap, sobrevoaram a cidade. Foi quando o presidente reparou que o asfalto da avenida W3 Norte ainda não existia. Nas mesma hora, ordenou

“**NADA ERA IMPOSSÍVEL PARA O PRESIDENTE, POR ISSO ELE NÃO DISCUTIA AS ORDENS QUE DAVA E ESTAVA SEMPRE DE BOM HUMOR**”

que a obra estivesse concluída para o dia 21 de abril de 1960. "Nada era impossível para o presidente, por isso ele não discutia as ordens que dava e estava sempre de bom humor", descreve Almeida.

A inundação do Lago Paranoá

foi outro acontecimento marcante. "Estava na Candangolândia quando vi o céu escurecer de maneira assombrosa", lembra. O Lago deveria encher e atingir a cota mil em três anos. Nesse dia, entretanto, a chuva torrencial que caiu sobre Brasília acelerou o processo, surpreendendo a todos e deixando várias máquinas e alguns barracos submersos no fundo do Lago, onde permanecem até hoje. "No outro dia, toda a população que aqui residia estava concentrada nas margens do Paranoá para ver o milagre que tinha acontecido".

Por último, Almeida conta a história da Vila Matias, onde hoje está a cidade próspera que é Taguatinga. Em 1958, Israel Pinheiro teria determinado o fechamento do Córrego Vicente Pires a fim de impedir a entrada das pessoas que chegavam ao Planalto Central em busca de melhores condições de vida na futura capital do país. Centenas de pessoas começaram a se amontoar no local até que um líder popular chamado Matias fez com que todos caminhassem em direção à região onde hoje está a cidade, burlando a barreira formada pela Novacap.

Raio X

Nome:

Mário de Almeida
Barbacena, Minas Gerais

Idade:

81 anos

Profissão:

Advogado

Ano de chegada a Brasília:

1958, veio pela primeira vez. Se instalou na cidade depois da inauguração

Esposa:

Marilena Taveira (falecida)

Filhos:

Alexandra Márcia, Mário Jorge, Mário Hígio, Iran Garibaldi e Christina Maria Garibaldi (do primeiro casamento, com Helena Garibaldi)

Netos:

Alexandre, Tabata, Iran Júnior, Leandro, Fábio, Fabioli e João Vítor.

Bisnetos:

Débora, Lucas, Vítor e Lorraine

PIONEIROS



Orédio Alves de Rezende

Apesar das dificuldades, a certeza de ter feito a coisa certa

Arquivo Pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Se pudesse, faria tudo novamente. Não me arrependo nem um pouco de ter saído de minha terra.” A declaração do goiano Orédio Alves de Rezende hoje, 46 anos depois de sua chegada à nova capital, é sinal de bravura, de coragem e demonstra a certeza de ter feito a escolha certa.

Não é por menos, o então estudante em Anápolis hoje só guarda boas recordações da cidade que escolheu para trabalhar e morar. Aqui, Orédio construiu família, os negócios e a imagem de um pioneiro que apostou no sonho de Brasília.

Da Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, onde se instalou no início, ele acompanhava a chegada das primeiras máquinas e caminhões para o início das obras do Plano Piloto e assistia ao levantamento dos primeiros blocos de concreto, que aos poucos davam forma à Esplanada dos Ministérios.

Cidade Livre

A empresa de Orédio, a hoje Induspina Autopeças Ltda., praticamente viu Brasília nascer e crescer. Testemunhou e acompanhou as grandes construções da cidade e as transformações do mercado automobilístico da nova apital. Durante vários anos, a empresa foi ponto de referência para os moradores e visitantes da então Cidade Livre.



Também de origem goiana, a Induspina rompeu fronteiras e alcançou o Distrito Federal, graças à coragem e disposição de seu funcionário e então gerente, Orédio, responsável pela abertura da única filial na região, em meados de 1958.

A agitação do centro comercial, o vaivém dos carros e a presença de grandes lojas nas proximidades como a Móveis Aurora e a Auto-Peças Moreira — a única do ramo, até então, no Distrito Federal — levaram o goiano de

Pires do Rio a se instalar na 2ª Avenida da Cidade Livre. Na frente, funcionava a loja, onde expunha as mercadorias e atendia os clientes. No cômodo dos fundos fez a sua residência. “A vida na época era difícil, sem conforto e recursos. Fazíamos tudo pensando no amanhã”, explica o pioneiro, que se sentia empolgado e maravilhado com as obras gigantescas da nova capital. Para ele, o sentimento de nacionalismo, a disposição e a vontade de construir o futuro eram comuns na época e

os impulsionavam.

As empresas responsáveis pela construção de Brasília encontravam na loja do *Goiano* — como Orédio era conhecido pelos frequentes — todas as peças necessárias para o reparo das máquinas. “Se eu não tinha a peça, dava um jeito de buscar em São Paulo”, lembra o comerciante, que chegava a viajar duas vezes por mês com este objetivo. Devido às condições das estradas, sem asfalto, ele levava dois dias para ir a São Paulo e dois para voltar.

**A FILIAL DA GOIANA
INDUSPINA SE
INSTALOU EM 1958
NA 2ª AVENIDA
DA CIDADE LIVRE**

O ritmo frenético das obras e o trabalho incessante provocavam o desgaste natural das máquinas. Quando isso acontecia, a autopeças do Núcleo Bandeirante era o endereço certo para a troca ou a substituição de algumas delas.

PIONEIROS

Impressionado com o ritmo das obras, Orédio chegou a Brasília para montar a filial da goiana Induspina de Automóveis na cidade. De gerente, virou dono e expandiu os negócios na capital

O bom atendimento e a qualidade dos serviços atraíram sempre grandes empreiteiras à Induspina, como a Mendes Júnior, Camargo Correia, que abria as primeiras vias de Brasília, Coenge S/A — contratada para construir o Eixão, a CCBE, a Construtora Rabelo, a Pacheco Fernandes Dantas — responsável pela construção do Palácio do Planalto, entre várias outras construtoras. A presença constante de um Ford Mercury na calçada da loja sinalizava a confiança e fidelidade do alto escalão do governo aos serviços prestados pelo pioneiro. “Os Mercury eram bastante utilizados pelos deputados”, recorda Orédio, que também comercializava peças para Jeep e Rural, bastante utilizados na época.

O espírito empreendedor do comerciante, agora proprietário, se fez presente também nas primeiras corridas de automóveis da cidade. Orédio, não satisfeito em apenas servir bem seus clientes, ainda fazia questão de apoiar os pilotos e levar a marca aos campeonatos esportivos, como na corrida de inauguração do Eixão Sul, em 1960, quando o autódromo de Brasília era apenas um sonho. Paulo Guaraciaba, Marco Emílio e o tricampeão mundial Nelson Piquet foram patrocinados pela empresa.

Quatro anos depois, com o crescimento do comércio no Plano Piloto, o proprietário encontrou na W3 Sul o ponto ideal para instalar a nova matriz. Em pouco tempo a Induspina expandiu seus negócios através das cinco lojas hoje presentes em toda a região.

A formatura

Bom comerciante e um aluno exemplar, Orédio ainda guarda



NA CAPITAL, ORÉDIO PROGREDIU NA PROFISSÃO E CRIOU UMA BONITA FAMÍLIA

consigo o inflamado discurso que fez em 1958, durante a cerimônia de sua formatura na primeira turma do Ginásio Brasília — atual La Salle. Da turma de 18 alunos, ele foi escolhido orador. Em seu discurso ele já previa a importância da consolidação da nova capital para o país, “Brasília será o mais formidável impulso unificador e civilizador do Brasil”.

A formatura, realizada no Brasília Palace Hotel, próximo ao Palácio da Alvorada, teve como parainfo o presidente Juscelino Kubitschek — que foi representado pelo então diretor da Nova-cape, Ernesto Silva. Na presença ilustre de Israel Pinheiro, Bernardo Sayão, José Pimentel de Godoy e Iris Meimberg, o jovem estudante, emocionado, declamava em favor do idealizador da maior obra do século, Juscelino Kubitschek. “É um presidente que luta, que se bate e que ama o tão esquecido interior do país. Que recolocou em termos decisivos de conquista do território pátrio, de equilíbrio entre as regiões brasileiras, o problema nacional”.

Colega do advogado Adilson de Faria e do engenheiro Takachi

“**A VIDA NA ÉPOCA ERA DIFÍCIL, SEM CONFORTO E RECURSOS. FAZÍAMOS TUDO PENSANDO NO AMANHÃ**”

Kanegae, o pioneiro fez do comércio a sua profissão. Atividade que o trouxe do interior de Goiás e que hoje lhe rendeu o título de *Mercador Candango*, concedido pela Federação do Comércio do Distrito Federal. A exemplo do pai, Bruno — filho de seu segundo casamento — decidiu seguir o mesmo caminho do pioneiro.

Há mais de 46 anos trabalhando no ramo — 45 anos de merca-

do no Distrito Federal — o *Goiano* tem orgulho de prestar serviços durante três gerações: a dos Castro, dos Guimarães e dos Piresiano, que hoje contam, além da garantia de um bom atendimento, com a amizade e a confiança deste pioneiro de 67 anos que se dedicou de corpo e alma ao comércio de autopeças. “As vezes a loja ficava aberta até as dez da noite. Os clientes já sabiam que fechávamos o estabelecimento mais tarde”, lembra o comerciante, que acompanhava o ritmo das máquinas que “funcionavam dia e noite para entregar as obras a tempo da inauguração”.

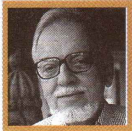
Ex-integrante da Associação dos Frequentadores do Aeroporto — AFA, Orédio fazia do local uma de suas diversões. Para lá, “ia de lambreta com os amigos só para ver os turistas desembarcarem do Douglas DC-3”.

Em seu segundo casamento — ambos foram realizados em Brasília —, o já avô Orédio reconhece a importância de seu trabalho para a consolidação da nova capital, onde contribuiu durante anos com o recolhimento de tributos, e da prestação de serviços.

Raio X

Nome: Orédio Alves de Rezende
Idade: 67 anos
Origem: Pires do Rio, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Comerciante
Mulher: Ana Rosa Silveira
Filhos: Orédio e Regina (1º casam.), Bruno e Flávio (2º casam.)
Netas: Bruna, Adriana, Isabela e Lorena

PIONEIROS



Rauf Carneiro

De braços abertos para receber as novas gerações

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Nenhum brasileiro deveria desconhecer o trabalho e a importância desse médico-obstetra para a consolidação da nova capital. A cordialidade de Rauf Carneiro e os gestos corteses no trato com os amigos não escondem a descendência libanesa deste pioneiro que, aos 29 anos, adotou Brasília para colocar em prática os conhecimentos da medicina.

Nascido em Ipameri, Goiás, se mudou ainda menino para o Rio de Janeiro a fim de iniciar os estudos e obter o sonhado diploma de médico. Saíndo da prestigiada e tradicional Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Brasília seria o destino certo. Rauf queria conquistar novos horizontes e melhores oportunidades. Quando recebeu o convite do advogado e procurador do Instituto dos Aposentados Industriários — IAPI (hoje o INSS), Suly Alves de Souza, para trabalhar no Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira — o JKO (no Núcleo Bandeirante), não pensou duas vezes.

Em 1958, desembarcava no aeroporto em Brasília — todo construído em madeira — usando um terno azul, para conhecer o hospital onde pretendia trabalhar. O médico pediu um táxi e seguiu em direção à farmácia Vitória, na Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante. A proprietária da farmácia, sua única referên-

cia, trabalhava no hospital. No caminho, a poeira que levantava do solo seco do cerrado, com a ajuda de um *lacerdinha* (rodamoinho que se formava no descampado da cidade), se encarregou de fazer o batizado do visitante. “O terno azul ficou cor de terra, de tão sujo”, lembra. Para não assustar os funcionários do hospital, passou antes na Bibabô, loja de confecções do grego Spilius Tzemos que ficava próxima da farmácia, para comprar um outro terno.

No ano seguinte à visita, o ginecologista se mudava definiti-

vamente para a nova capital, que se resumia apenas aos traços e rabiscos dos projetistas. O Núcleo Bandeirante era o grande centro comercial e social da época. Foi lá que o segundo médico a se inscrever no Conselho Regional do Distrito Federal iniciou uma brilhante carreira, marcada por atos de coragem e muito trabalho. Ao lado de outros quatorze médicos, Rauf não se limitava ao exercício da ginecologia. Estava sempre pronto para cuidar de todos os tipos de enfermidades.

O pioneiro tinha orgulho de re-

ceber visitantes ilustres como o colega de medicina e presidente Juscelino Kubitschek, que sempre passava no hospital quando vinha do Rio de Janeiro. Ele chegava para tomar a vacina B-12 e aproveitava para ver como iam as coisas por lá. “Ele sempre visitava cada canteiro de obras da cidade e dialogava com os candangos, abraçando-os”, lembra saudosos.

O espírito de colaboração e a solidariedade entre os candangos surpreendiam o médico. “Os motoristas quando viam algum candango na beira da rua paravam o jipe e ofereciam carona.”

RAUF REALIZOU A PRIMEIRA CESARIANA DO HOSPITAL JKO, NO NÚCLEO BANDEIRANTE, EM 1959

Emoção

Em 1961, após a inauguração do Hospital Distrital, hoje Hospital de Base, foi convidado para trabalhar como médico plantonista na área de Ginecologia e Obstetrícia. Lá, ele realizaria certamente o parto mais emocionante de sua vida.

PIONEIROS

Com 29 anos, o ginecologista e obstetra, formado pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, chegou à cidade para trabalhar no Hospital Juscelino Kubitschek



RAUF, COM A MULHER MARISA, FILHOS E NETOS NA CIDADE QUE ESCOLHEU PARA VIVER

Numa noite de plantão, estava conversando com os colegas cardiologistas, quando ouviu a sirene de uma ambulância que se aproximava do hospital. “É para você”, avisou ao colega. Os cardiologistas correram com a paciente em uma cadeira de rodas para a sala de emergência e logo viram pelo monitor a linha reta que denunciava parada cardíaca, provocada por um edema agudo de pulmão. Do lado, ele acompanhava tudo, quando percebeu um abdômem. “Ela estava grávida”, conta. “Aproximei o ouvido junto à barriga e ouvi as batidas de um coração. A criança estava viva”, acrescenta. Mais que depressa pediu o bisturi e realizou ali mesmo a cesárea. Emocionado, ele conta que sempre passava pelo berçário para ver a criança.

A primeira clínica

Com a ajuda do governo, que, naquela época, oferecia subsídios e garantias de créditos bancários para os candangos começarem a vida na capital, ele obteve no antigo banco do Governo do Estado de Goiás um incentivo para realizar o sonho de abrir sua própria clínica. Com um empréstimo financeiro a juros irrisórios de 0,8% ao mês, o sonho do médico estava cada vez mais próximo de se tornar realidade.

A amizade e o convívio com os comerciantes da Cidade Livre o levaram a descobrir uma sala toda em alvenaria e acabamentos de primeira linha, bem moderna para as construções da época, que eram todas em madeira. “Perguntei ao proprietário se ele não se importaria em desocupar o imóvel, aluguel por uma boa quantia e lá me instalei”, conta satisfeito com a

realização de um dos melhores negócios de sua vida. Era a sua primeira clínica na capital, por isso a razão de tanta felicidade.

O imóvel, localizado na Avenida Central da Cidade Livre, era de bom tamanho. Tinha duas salas, uma delas que ele utilizou como sala de espera, e um banheiro, o que permitiu dividir a clínica com o colega urologista, Manoel Scartezini, que o ajudou na compra de equipamentos e material.

Em 1967, com o traçado do Plano Piloto já consolidado, o médico realizaria mais um grande feito: o primeiro parto do Hospital Regional da Asa Sul (atual HMIB), na L2 Sul. Em sua carreira, o médico realizou um total de doze mil partos.

O profissionalismo e o ato de coragem do pioneiro garantiram a sua assinatura na ata de formação da Sociedade de Ginecologia e Obstetria de Brasília, seis anos depois de sua chegada a Brasília, ao lado de outros nomes da medicina como Paulo Ferreira Borges, Victor Jacobina Lacombe, Solon de Mello e Silva e Ítalo Nardelli. Uma prova de reconhecimento ao médico que deu à luz milhares de candangos.

As quatro décadas de dedicação à medicina lhe garantiram sucesso profissional, o reconhecimento da comunidade e da sociedade médica brasileira, por

“ OS MOTORISTAS QUANDO VIAM ALGUM CANDANGO NA BEIRA DA RUA PARAVAM O JIPE E OFERECIAM CARONA ”

meio de várias condecorações, além de convites, como por exemplo o do ministro da Arábia Saudita para trabalhar lá.

A descendência libanesa e o grande trabalho desenvolvido junto às embaixadas dos países daquela região o levaram a fundar a Sociedade Líbano-Brasileira de Medicina — Solibra-Medi, em Brasília, e a congêneres no Líbano, no ano de 1975.

Como forma de retribuir o carinho e a solidariedade dos candangos, Rauf, hoje com 74 anos de idade, ofereceu todo o seu equipamento médico para uma clínica de cân-

cer, localizada no mesmo local, onde décadas atrás ele realizava suas primeiras consultas.

Mais que uma oportunidade de trabalho e sucesso profissional, Brasília ainda ofereceu muitas alegrias ao médico, que chegou a registrar mais de 30 mil prontuários. A mulher, Marisa Rappel Carneiro, ele conheceu aqui. O primeiro noivado da capital ainda permanece na lembrança do casal e de muitos moradores daquela época. Um ano depois, a cerimônia de casamento na Igreja Nossa Senhora de Fátima selaria a união entre os dois pioneiros.

Após o casamento do médico — que também deixa escapar certa afinidade pela pintura — com a então funcionária da Novacap, vieram os filhos — Rauf, Frederico e Carla Valéria. O *parteiro de Brasília*, como alguns amigos o chamam até hoje, também teve a felicidade de fazer um parto muito especial, o da filha, em pleno dia de Natal.

Com tantas realizações neste chão, sua vida certamente não seria a mesma em outra cidade. Ele considera uma “dívida do presidente Juscelino Kubitschek” conceber a maior obra do século, permitindo, com isso, que as pessoas que para cá vieram tivessem novas oportunidades de trabalho e melhores condições para crescer profissionalmente.

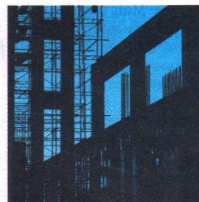
Raio X

Nome: Rauf Carneiro
Idade: 74 anos
Origem: Ipameri, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Médico
Mulher: Marisa Rappel Carneiro
Filhos: Rauf, Carla Valéria e Frederico
Netos: Eduardo, Enrico, Filipe e Carina



EMPREGO PARA O JAIR RELAXAR, MAS SÓ DEPOIS DO EXPEDIENTE.

REFORMA DO
CENTRO DE
CONVENÇÕES.
EMPREGOS HOJE E
MUITO MAIS AMANHÃ.



O Jair é pedreiro experiente. Passou um tempinho de incertezas, vivendo de bico, mas logo foi contratado para a **reforma do Centro de Convenções**. Um projeto ousado, que vai transformar o espaço em um dos três maiores do país e, com isso, impulsionar o turismo de

eventos na cidade, movimentar o comércio e gerar muitos outros empregos na área de hotelaria, alimentação, transporte e serviços. Hoje, de carteira assinada, o Jair dorme tranquilo. E não é para menos. Ele sabe que daqui em diante, vai ter muito mais emprego no Distrito Federal.

